

(documento adaptado do relatório de execução material)

## REFERÊNCIA DO PROJECTO:

POCTI/ANT/47274/2002

### Título do projecto:

**Das termas aos "Spas": reconfigurações de uma prática terapêutica**

#### 1. Considerações gerais

Tinha este projecto de pesquisa como objectivo de fundo fazer uma avaliação dos usos terapêuticos das águas minero-medicinais em Portugal nas suas múltiplas vertentes. Na sua concepção inicial pretendíamos testar uma tese instalada no senso-comum e difundida pelos media: a de que o termalismo convencional estaria a dar lugar a indústrias de bem-estar ("spa"), mais associadas à lógica do turismo e do consumo de luxo que à da medicalização em que se definia tradicionalmente. A esta transformação chamámos reconfigurações de uma prática terapêutica.

Propusemo-nos abordar a questão numa escala macro, através de indicadores gerais, e numa escala micro, observando as transformações que ocorrem em estâncias particulares.

A possibilidade de intensificar e alargar o trabalho de pesquisa, com a combinação dos esforços de um bolsheiro a tempo integral, de uma investigadora a fazer o doutoramento, e de uma coordenadora disponível para a pesquisa de campo, e ainda a capitalização dos esforços e resultados desenvolvidos em projecto anterior sobre termalismo ("A água como agente terapêutico" – POCTI/ANT/41192/2001), e, finalmente, a possibilidade de promover discussão e análises com interlocutores internacionais, permitiram ir muito além dos objectivos propostos.

Assim, alargámos o universo de observação a toda a variedade de usos das águas minero-medicinais no território continental, estabelecendo uma tipologia de usos que inclui as termas convencionais (explorações concessionadas) como uma categoria entre um leque mais vasto de práticas hidroterapêuticas. Aos usos não concessionados, não formalmente medicalizados mas todavia instituídos pelo costume, tradição e crença, chamados “termalismo popular”, etnotermalismo, hidroterapia popular, ou, na expressão de alguns hidrogeólogos, “crenoterapia clandestina.”

O “termalismo popular” consiste em toda uma variedade de “banhos” em águas de reputados poderes minero-medicinais. Neste leque incluem-se pequenas “termas” não concessionadas, balneários clandestinos, tanques de uso livre ou exploração informal, ou simples fontes e charcos para junto dos quais os utentes transportam as banheiras e praticam os seus rituais de banho terapêutico. Esta forma de utilização das águas minero-medicinais deu azo, junto dos hidrogeólogos que nos precederam em pesquisas no território português, a toda uma literatura que oscilava entre a crítica à “crenoterapia clandestina” e a curiosidade pelas muitas variantes do uso do banho termal terapêutico. Usando as referências desta literatura e completando-as com informações dispersas, mapeámos a quase totalidade das ocorrências deste fenómeno para o continente.

O que a observação directa nos ensinou é que estas práticas em muito se assemelham às formas de uso das águas minero-medicinais que precederam a institucionalização do termalismo e que estão descritas, por exemplo, para a Idade Média e para os charcos de água sulfúrea onde se veio a edificar o Hospital Termal das Caldas da Rainha. Mais ainda, tudo indica que estamos perante um fenómeno pouco estudado: a possível generalização do uso da água como agente terapêutico na pré-modernidade e na pré-história, que, para padecimentos específicos, poderá ter sido mais importante que a muito mais referida utilização de plantas. Mas esta é toda uma outra vertente que

poderemos explorar num outro contexto. Por agora, identificámos apenas as práticas hidroterapêuticas “vernáculos” da actualidade, que coexistem, e continuam, as práticas instituídas do termalismo.

Desdobrámos a categoria do termalismo popular em subcategorias definidas pela materialidade do uso da água, contando assim com (1) balneários não concessionados, (2) fontes utilizadas para banhos parciais, (3) banhos desactivados, (4) nascentes cuja água é utilizada apenas para ingestão, e (5) nascentes que não se inserem em qualquer destas categorias.

Quanto aos chamados “Spas”, excluímos da análise todos aqueles que não utilizam águas minero-medicinais. Esta crescente indústria, associada às de hotelaria e de tratamentos de beleza, merece um tratamento à parte e está a ser alvo de atenção por parte de alguns colegas nas ciências sociais, mas cai fora do nosso alcance.

Dos auto-intitulados “spas” só mantivemos na análise os que se desenvolveram enquanto componente de estâncias termais convencionais e que, pelo menos em parte, fazem uso da água termal como agente terapêutico. Verificámos que para algumas das estâncias a componente de “bem-estar”, assim definida por sair do regime estrito de prescrição médica e permitir um conjunto de escolhas de hidroterapia a gosto do cliente, foi desenvolvida como uma estratégia de diversificação da oferta, ampliação da clientela, rejuvenescimento da mesma, e, nalguns casos, de substituição de uma imagem tradicional com aspectos decadentes por uma imagem de atraente modernidade alinhada com as modas de consumo. Embora existindo excepções, em que a componente “Spa” se sobrepôs à vocação de tratamento da estância termal, na maioria das termas concessionadas a componente de bem-estar apenas complementou a sua vocação para prestação, sob supervisão médica, de tratamento preventivo e paliativo de determinados padecimentos.

Ou seja, respondendo à questão inicialmente formulada, as termas convencionais **não** se transformaram integralmente em “spas”, tendo antes adoptado esta componente como uma forma de ampliar a oferta de serviços, diversificar a clientela e adaptar-se às tendências correntes de mercado do bem-estar.

Deparámo-nos ainda com um fenómeno subsidiário ao termalismo, o da utilização, como parte da diversificação de ofertas de “bem-estar”, de técnicas terapêuticas que não dependem da água, como as massagens “secas”, com óleos, com pedras aquecidas; vinoterapia (com vinho) e chocoterapia (com chocolate). Destas inovações tomámos nota mas nelas não elaborámos aprofundadamente. Acreditamos que a sua difusão está em fase inicial e é prematuro fazer dela uma avaliação.

Em contrapartida, quase não encontramos um elemento subsidiário que estava presente na tradição de algumas estâncias como complemento da hidroterapia: o uso de lamas para tratamento e alívio de dores articulares e reumáticas. As poucas estâncias que oferecem este tratamento usam agora produtos importados, purificados, sob a forma de pó que se mistura com a água termal do lugar. No passado os tratamentos faziam uso de lamas locais ou regionais de reputadas propriedades terapêuticas.

## **2. Pesquisa**

### **2.1. Estudo de caso: as Termas da Sulfúrea/Cabeço de Vide**

A investigadora Maria Manuel Quintela, no âmbito deste projecto e como parte do seu doutoramento, procedeu a trabalho de campo com observação participante nas termas de Cabeço de Vide, tradicionalmente conhecidas como Termas da Sulfúrea. Estas termas podem ser caracterizadas como “de transição” (1) entre o estilo tradicional de termalismo exclusivamente destinado a tratamentos sob supervisão médica a um estilo modernizado polivalente e (2) entre as termas de grande afluência e das de pequenas

dimensões. Por essa razão, foram tomadas como caso exemplar das tendências de mudança em curso no termalismo português.

O trabalho de campo foi efectuado em acompanhamento intensivo de três “quinzenas”, as coortes de banhistas/aquistas que assim organizam o seu tempo de tratamento balnear. Nesse âmbito foram feitas entrevistas a utentes, hospedeiros e profissionais de saúde termal. Estas estadias foram complementadas por visitas mais breves para acompanhamento das transformações e continuidades.

Os resultados constam do relatório anexo “Um estudo de Caso: A sulfúrea” (Cabeço de Vide), de Maria Manuel Quintela.

## **2.2. Missões de curta duração para levantamento de nascentes mineromedicinais com reportados poderes terapêuticos.**

Esta componente da pesquisa prolongou-se durante todo o período do projecto e beneficiou de um levantamento prévio parcialmente levado a cabo pela equipa no âmbito de outro projecto (POCTI/ANT/41192/2001). O bolsheiro António Perestrelo de Matos, nalguns casos associado à coordenadora ou à totalidade da equipa, procedeu a trinta e uma visitas exploratórias definidas por região geográfica e previamente preparadas a partir da diversidade de referências de hidrogeologia, de levantamentos parciais, e do Aquilégio Medicinal de Francisco da Fonseca Henriques.

Foram assim recenseadas 257 (duzentas e cinquenta e sete) nascentes que, somadas às 153 já recenseadas, proporcionam um quadro completo de 411 pontos de água a que são atribuídos poderes terapêuticos dentro do território de Portugal continental. Para cada ponto de água fez-se uma ficha completa, com descrição do tipo de água, propriedades atribuídas à mesma, usos a que está sujeita, edificações que lhe estão associadas, registo fotográfico, eventualmente entrevistas, e dados complementares.

Os resultados desta componente da pesquisa estão descritos por ordem cronológica no relatório do bolsheiro e compõem o produto final deste projecto, uma completa base de dados organizada em CD-rom e site organizada por distritos e passível de ser consultada através de outros critérios de busca (tipos de águas, categorias de uso, etc.)

### **2.3. Pesquisa bibliográfica**

Foi aprofundada a vertente relativa à História da Hidrologia Médica Portuguesa, com particular atenção aos finais do séc. XIX e destaque para os trabalhos de Ricardo Jorge (*Gerez Thermal*, 1888), e de Amaro de Almeida [ *Inventários hidrológicos de Portugal*, Vol. 1- Algarve (1965); Vol..2- *Trás-os-Montes e alto Douro* (1970); Vol..3 –Beira Alta (1975); Vol 4 – Minho (1988)] . Documentação complementar foi pesquisada no Arquivo do Instituto de Hidrologia da Lisboa ( depositado na Biblioteca e Laboratório de Química do IST), na Biblioteca Arquivo da Direcção Geral de Geologia e Energia, na Academia das Ciências e na Biblioteca Nacional.

Paralelamente foram consultados os poucos artigos académicos e livros que versam sobre termalismo e nalguns casos contactados os seus autores (George Weisz, Peter George Mackaman, Mathew Eddie) para interlocução.

### **2.4. Pesquisa documental**

A coordenadora Cristiana Bastos, com apoio do bolsheiro António Perestrelo, pesquisou intensivamente os registos de pacientes das Caldas de Monchique para a década de 1870. Dada a fragilidade do manuscrito, os dados foram localmente informatizados em programa Excell e posteriormente tratados. Foram objecto de

tratamento as variáveis género, profissão (com ilações de classe quando cruzada com outras variáveis), proveniência geográfica, patologia reportada, causas atribuídas, tipo de tratamento, duração e frequência do mesmo. Estas variáveis permitiram-nos constituir mapas de distribuição que esclarecem muitos aspectos do termalismo no século XIX e em particular da frequência das Caldas de Monchique. Os resultados constam da comunicação “Ao terceiro banho largou as muletas”, apresentado à Associação Portuguesa de Antropologia (ver anexos).

### **3. Difusão de resultados**

#### **3.1. Comunicações**

A equipa de investigação apresentou os resultados intermédios em inúmeros colóquios académicos e não académicos, dentro e fora do país. Prevemos que a continuação deste procedimento se prolongue vários anos para além do encerramento do projecto. E vários convites, dentro e fora do país, foram já formalizados para apresentação (e.g. seminário de antropologia, Universidade de Oxford, Janeiro de 2008)

As comunicações já efectuadas, e respectivos fóruns, foram:

##### **3.1. 1. De Maria Manuel Quintela:**

2006 – “Água e Reumatismo: etnografia da dor e do sofrimento em termas portuguesas e brasileiras”, *Afinidade e Diferença*, Terceiro Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, ISCTE, 5,6, 7 Abril.

----- “Doenças que a água Cura: continuidades e descontinuidades de uma prática terapêutica”, Seminário “Das termas aos spas: reconfigurações de uma prática terapêutica”, ICS, Julho de 2006

----- “Termalismo e Saúde: Etnografia de Itinerários Terapêuticos em Portugal (S. Pedro do Sul, Cabeço de Vide) e Brasil (Caldas da Imperatriz), *II Congresso Internacional Saúde, Cultura e Sociedade, Setembro, Tavira, 29 e 30 de Setembro, AGIR.*

2005 - “A estadia termal: entre hotel e hospital” , *Colóquio Internacional: A prisão, O Hospital e a Rua*”, Lisboa, ICS (UL), Junho.

----- “Curar e Recrear: etnografia de práticas terapêuticas termais em Portugal (Termas de São Pedro do Sul e Cabeço de Vide) e Brasil (Caldas da Imperatriz)” , *I Congresso Internacional Cultura, Saúde e Sociedade*, AGIR, Cabeceiras de Basto, Setembro.

### **3.1. 2. De António Perestrelo de Matos**

- Abril. 06 – “O Termalismo Popular”. Comunicação apresentada no 3º Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, ICS e ISCTE, Lisboa 6 a 8 de Abril.06  
([http://www.apantropologia.net/documents/programa\\_completo\\_07.doc](http://www.apantropologia.net/documents/programa_completo_07.doc))

- Junho. 06- “ «O que faz bem por fora também faz por dentro» - *Indicações e processos curativos populares com águas minerais*”. Comunicação apresentada na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia – Goiânia (Goiás –Brasil), 11 a 14 de Junho.06  
(<http://www.25rbagoiania.ucg.br/pdf/programacaoGeral.pdf>)

- Julho.06 – “Inventário Hidromedicinal Português “, apresentação da Web da autoria de Leonor Areal, realizada a partir do Inventário do património hidrológico português. Apresentado no seminário “Das Termas aos Spas”, no ICS-UL 28 e 29 de Julho-06.

- Setembro. 06 - “From Jacob Sarmiento to William Withering: Enlightenment theories in the folk narratives of water spa healing in contemporary Portugal”- Comunicação apresentada na 9th EASA (European Association of social Anthropologists) Biennial Conference – “Europe and the World” – Bristol (UK) 18 a 21 de Setembro de 2006  
([http://www.nomadit.co.uk/easa/easa06/easa06\\_panels.php5?PanelID=38](http://www.nomadit.co.uk/easa/easa06/easa06_panels.php5?PanelID=38))

- Janeiro. 07 – “Entre Jacob Sarmiento e William Withering: Teorias Iluministas nas narrativas dos aquistas populares”- Comunicação apresentada no Seminário: Água Subterrânea – sede de saber, Instituto superior Técnico – Geologia, 22 a 27 de Janeiro de 2007. (<http://www.cienciapt.net/subscritores/noticiasdesc.asp?id=14367>)

### 3.1. 3. De Cristiana Bastos

#### 2006:

-- “The healing stench: sulphurous hydrotherapy and the ways of countermedicalization.” Panel **Feeling and curing**, European Association of Social Anthropologists, Bristol, September 18-21, 2006

-- “Das termas aos spas: estado da questão, teoria, etnografia e antropologia médica”. Seminário *Das Termas aos SPAs: reconfigurações de uma prática terapêutica*, Lisboa, ICS e CEAS, 28-29 Julho 2006 .

-- “Ao terceiro banho deixou as moletas – práticas, crenças e medicalização do termalismo (Monchique, 1874)” *III Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, “Afinidade e Diferença”*, Lisboa, 6-8 Abril 2006

### 3.2. Organização de seminários

Para proceder à apresentação concentrada dos resultados desta investigação e submetê-los a uma discussão qualificada organizámos um seminário com interlocutores nacionais e internacionais. Foram consultores os Profs. Georges Weisz, da Universidade McGill, Quebec, o Dr. Mathew Eddy, da Escócia, e o Prof. Jean Yves Durand, da Universidade do Minho, todos eles com trabalhos de reconhecido valor sobre o uso social da água numa perspectiva história e antropológica.

O seminário decorreu nos dias 28 e 29 de Julho de 2006, com um dia de apresentações e discussão no Instituto de Ciências Sociais (vide programa anexo) e um

dia de vistas guiadas a fontes minero-medicinais na região Oeste (vide powerpoint anexo).

### 3.3. Publicações

Dado o ritmo lento entre a obtenção de resultados e a sua publicação nas áreas de ciências humanas, temos que neste projecto, como noutros, a maioria das publicações vai ter lugar muito depois do seu término. Esperamos, todavia, um profuso leque de publicações em fóruns científicos (revistas e um livro).

Foram já publicados, em acta:

Maria Manuel Quintela:

2006 - “Termalismo e Saúde: uma abordagem antropológica a termas portuguesas e brasileiras” in Cruz, Fernando (org.), *Actas do II Congresso Internacional Saúde, Cultura e Sociedade, Setembro, Tavira, 29 e 30 de Setembro, 2006, Agir, Pova do Varzim*. ISBN , Fevereiro de 2007. ISBN 978-989-95 107-4-6

2005 - “A cura termal: entre as práticas populares” e os saberes “científicos”, *Actas do VIII Congresso Luso - Afro-Brasileiro De Ciências Sociais: A questão Social no Novo Milénio*, Setembro, Coimbra, 2004, Setembro, revree in [www.ces.uc.pt](http://www.ces.uc.pt) disponível em 2005.

Estão aceites para publicação

Cristiana Bastos:

2007 “Ao terceiro banho deixou as muletas – práticas, crenças e medicalização do termalismo (Monchique, 1874)” (Actas do Congresso da APA)

2007 “Águas de beber, de banhar, de curar e de vender” (Associação Portuguesa de recursos hídricos – livro comemorativo do 30º aniversário)

2008 “The healing stench: sulphurous hydrotherapy and the ways of countermedicalization.” (ACHAB – rivista di antropologia) (Itália)

### **3.4. Video**

O video de curta duração “Banhos da Ferradura” foi realizado por Leonor Areal no âmbito do projecto e em colaboração com a equipa de investigação. A apresentação pública foi feita em Julho de 2006 no Instituto de Ciências Sociais.

### **3.5. CD-Rom e WebSite**

Este será o produto que sintetiza e sistematiza os resultados da pesquisa. Está praticamente pronto, em fase de limpeza de “bugs” informáticos e correcções. Vide anexo em CD rom.

### **3.6. Exposição**

O bolsheiro António Perestrelo coordenará uma exposição com as imagens e alguns objectos relativos a esta pesquisa prevista para o ano 2008. A maquete da exposição foi já elaborada pelo próprio no âmbito dos seus estudos de mestrado em Museologia no ISCTE (V. documento anexo).

## **4. Conclusões**

Esta pesquisa mostrou-nos que o termalismo em Portugal existe numa grande variedade de formas, das quais o termalismo convencional, instituído e praticado sob supervisão médica, é apenas uma parte. Com este coexistem as formas vernáculas de uso das águas termais, usadas para banhos (de imersão ou parciais) ou para ingestão. Por todo o país existem nascentes utilizadas para estes fins, reconhecidas pela população local,

conhecidas por vezes em círculos mais amplos, e procuradas com intuitos curativos ou preventivos. Frequentemente têm estas fontes nomes que evocam os fins a que se destinam (“da sarna”), sugerem o seu odor (“fadagosa”) ou a sua composição (“férrea”). Por vezes têm pequenas edificações, outras vezes encontram-se em encostas ou vales de difícil acesso, outras ainda estão no meio de propriedades cercadas; nestes casos, verificámos que o uso popular consagra o livre acesso a estas fontes, tornando-se hábito que os proprietários dos terrenos facilitem os percursos para acesso às fontes. Quando esta regra é quebrada – por exemplo, quando a propriedade transita para novos titulares que ignoram o costume – os conflitos são iminentes. Em casos de urbanização nos locais de pontos de água, os efeitos variaram entre extremos – desde a extinção da fonte ou a sua poluição até ao encanamento para melhor acessibilidade do público.

Quaisquer que sejam as circunstâncias, a fidelidade do público a certas águas – porque reputadamente curam, porque fazem bem ou sabem bem – está patente nos esforços para encher recipientes, nas longas deslocações em circunstâncias nem sempre confortáveis, com quilómetros a pé ou de motorizada em maus caminhos, e nas esperas por vezes prolongadas pelo turno na bica (chegado ao paroxismo na fonte pública das águas do Luso).

Curiosamente encontra-se no uso vernáculo das águas termais um elemento que encontrámos também no termalismo convencional – a capacidade de conjugar o uso “apropriado” da água, destinado à promoção da saúde, com os momentos de lazer que a sua procura pode proporcionar. A expressão desta combinação aparece de formas várias. Para alguns é bem explícita nas referências ao passeio que se dá, aos ares que se respiram, à paisagem que se usufrui, ao intervalo que se faz dos aborrecimentos quotidianos do trabalho e da casa. Para outros é menos óbvia, e a menção ao prazer pode ser uma afronta ao projecto de cura que para muitos envolve uma atitude de sofrimento – nas termas, como no hospital, o utente é um doente que está ali para se

curar, não para gozar. Mas, mesmo que sustentada verbalmente, esta atitude é negada pela prática corrente do uso das termas portuguesas, em que dominam, mais que os pratos dietéticos da tipologia de spas, a fartura da mesa em gastronomia e vinhos; ou, mais que o recato, se multiplicam as festas, jogos e convívios de verão. De uma forma ou outra, a combinação lazer/cura -- explorado nos trabalhos da investigadora Maria Manuel Quintela -- está presente nas práticas que encontramos no termalismo e têm a sua maior expressão na termas de grandes dimensões, sendo paradigmáticas as de São Pedro do Sul.

Procuramos por à disposição do público os resultados materiais desta investigação através de uma larga base de dados em suporte informático (ainda em processo de limpeza de “bugs”). Paralelamente, as reflexões que desenvolvemos no decurso do projecto foram sendo preliminarmente apresentadas nas comunicações referidas e nos artigos já aceites para publicação, prevendo-se que análises mais consolidadas e contributos para os campos da antropologia e dos estudos de património se venham a materializar nos próximos anos através de artigos síntese e um ou dois livros.